



NEFROLOGISTA CONSAGRADO E COLECIONADOR

Somando 42 anos de carreira profissional na área da Nefrologia, o Dr. José Diogo Barata, ex-diretor do Serviço de Nefrologia do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental/Hospital de Santa Cruz (CHLO/HSC), aposentou-se em 2016 da sua carreira na função pública. Com diversas memórias de uma vida repleta de responsabilidades, o também ex-presidente do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos desfruta do tempo que agora tem para organizar e catalogar todas as peças de arte e outros objetos que foi reunindo ao longo da sua vida.

Marta Carreiro

Nascido a 20 de setembro de 1950 e criado no seio de uma família tipicamente lisboeta, com especial gosto pela arte e pela cultura, José Diogo Barata sonhava vir a ser arquiteto. Contudo, num impulso do momento, quando chegou a hora de preencher as candidaturas de ingresso ao ensino superior, sentiu-se tentado a arriscar a sua sorte na Medicina e acabou por licenciar-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, em junho de 1974.

O ex-diretor do Serviço de Nefrologia do CHLO/HSC interessa-se por assuntos políticos desde novo, em grande parte devido à influência da família. Na parede do seu escritório, uma fotografia emoldurada cristaliza um

momento significativo deste interesse familiar pela Política: na imagem, captada pela lente de um fotógrafo de um órgão de comunicação social da época, a mãe de José Diogo Barata celebra, no dia 25 de abril de 1974, a liberdade no Marquês de Pombal. Durante os estudos, o nefrologista também se envolveu no movimento associativo – então com uma forte carga política –, acabando por ser eleito para integrar o Conselho de Administração do Hospital de Santa Maria como representante dos estudantes, responsabilidade que assumiu até ao início do internato.

Na época, os internatos não se processavam sob os moldes atuais; José Diogo Barata completou o antigo internato de policlínica, que incluía dois anos iniciais de prática clínica e um ano no Serviço Médico à Periferia. Este embrião do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi criado após a “Revolução dos Cravos” para colmatar as carências de médicos que existiam no interior e nas zonas mais rurais de Portugal.

Assim, de janeiro a dezembro de 1977, José Diogo Barata trabalhou no município de Odemira, mais especificamente em Vila Nova de Milfontes (antes da ponte sobre o rio Mira). Esta é uma época que o especialista recorda com especial carinho. “Fomos enviados para diversos concelhos do país onde praticamente não existiam médicos. Foi uma experiência extraordinária por ter noção do impacto direto, com resultados imediatos, que o meu trabalho tinha na vida de pessoas que, de outra forma, dificilmente conseguiriam a ajuda que nós providenciámos”, afirma.

Durante esse ano, o nefrologista passou por todas as áreas da Medicina Geral, desde a saúde familiar à escolar, tendo até feito partos. E, como não havia qualquer centro de análises clínicas em Odemira, José Diogo Barata e os colegas contactaram um laboratório que se disponibilizou a enviar uma carrinha, todos os sábados, para efetuar a recolha de sangue dos utentes, que recebiam os resultados das análises passados 15 dias, por correio. “Era assim o país em 1977”, recorda.

ESCOLHA DA ESPECIALIDADE

Após um total de seis anos, entre o Serviço Médico à Periferia e o internato de policlínica no Serviço de Medicina Interna do Hospital de São José, em Lisboa, José Diogo Barata entrou na estrutura de carreiras que se começava a compor com a efetiva implementação do SNS. “A especialidade de Nefrologia abriu no ano em que tive o meu concurso de acesso à especialidade e foi por isso que a escolhi, por curiosidade, por ser algo novo com muito ainda por explorar. Eu via a Nefrologia como uma área muito exótica em termos de conhecimento geral”, explica.

De facto, José Diogo Barata integrou o grupo dos cinco primeiros internos (dois de Lisboa, um de Coimbra e dois do Porto) a iniciar e a completar o Internato da Especialidade de Nefrologia. Contudo, já existiam outros

De toda a sua coleção, José Diogo Barata elege como a obra favorita o quadro *Dirty Painting*, de Arman



nefrologistas, isto é, profissionais que, dentro da Medicina Interna, tinham enveredado por caminhos mais ligados à patologia renal e que acabaram por passar para esta nova área. Em maio de 1984, José Diogo Barata tornou-se especialista em Nefrologia no Hospital Curry Cabral, obtendo o título de nefrologista pela Ordem dos Médicos um ano mais tarde.

A sua jornada no CHLO/HSC iniciou-se em abril de 1987, terminando apenas em 2016, ano em que tomou a decisão de se aposentar da função pública. “Quando lá cheguei, éramos uma equipa pequena e ainda estávamos integrados no Serviço de Medicina Interna”, lembra José Diogo Barata, que acabou por acompanhar o nascimento do Serviço de Nefrologia, assim como a “evolução brutal das suas estruturas” e da própria especialidade. “No Hospital de Santa Cruz, a Nefrologia sempre assegurou todas as valências da área. Atualmente, tem um dos maiores programas de diálise peritoneal do país, realiza transplantação renal com dador vivo e tem um dos maiores programas de hemodiálise ambulatória hospitalar.”

CARREIRA REPLETA DE RESPONSABILIDADES

Ano após ano, José Diogo Barata foi subindo sucessivos degraus no CHLO/HSC: em novembro de 1990, foi graduado chefe de serviço; passados oito anos, ascendeu a chefe de serviço do quadro da instituição. Em 2008, assumiu a direção do Serviço de Nefrologia, cargo que desempenhou até à aposentação da função pública. “Nunca tive a aspiração de ser diretor de Serviço, isso apenas aconteceu pela conjuntura”, diz, com modéstia.

Ao longo deste caminho, foram diversas as adversidades que enfrentou. Uma delas foi o programa de assistência da troika (2011-2014), que correspondeu a uma fase na qual foram identificadas carências no número de profissionais no Serviço, sem que fosse possível fazer novas contratações. Com o fim das horas extraordinárias, manter os níveis de desempenho colocou uma enorme exigência na equipa. “Foi uma experiência difícil e desgastante”, confessa.

José Diogo Barata sempre mostrou ser uma pessoa polivalente e de interesses variados, motivo pelo qual acabou por assumir vários cargos relevantes ao longo do seu percurso profissional (ver caixa). Entre as experiências mais marcantes, figuram duas passagens pela Direção do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos. “Tive a oportunidade de lidar com colegas fantásticos, que me ensinaram muito. Participei na elaboração do esqueleto da organização da Nefrologia em Portugal, o que foi muito enriquecedor. O Dr. João Ribeiro Santos foi fundamental nesta altura – aliás, como em todo o meu percurso profissional e pessoal”, recorda.

// ATIVIDADES E TÍTULOS RELEVANTES

1987–2006: diretor do Serviço de Nefrologia do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental/Hospital de Santa Cruz (CHLO/HSC);

1987–2006: diretor clínico das Unidades de Hemodiálise Privadas;

1991–1995: membro da Comissão de Ética do CHLO/HSC;

1994–1997: vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Nefrologia;

1994–2003 / 2009–2018: membro do Conselho Diretivo do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos (CENOM);

1996–2017: representante português da Nefrologia na Union Européenne des Médecins Spécialistes (UEMS);

1998–2001: adjunto da Direção Clínica do CHLO/HSC;

2002–2003: presidente do Conselho Diretivo do CENOM;

Desde 2003: perito da Inspeção-Geral das Atividades em Saúde;

2007–2017: nefrologista na NephroCare;

2015–2018: presidente do Conselho Diretivo do CENOM;

2015–2017: membro da Comissão Nacional de Acompanhamento da Diálise pelo CENOM;

2017: coordenador e relator do *Manual de Boas Práticas de Diálise Crónica* da Ordem dos Médicos;

Desde 2017: consultor científico da DaVita;

Desde 2018: perito indicado pelo CENOM na Entidade Reguladora da Saúde;

Desde 2019: consultor da Direção-Geral da Saúde.



José Diogo Barata ainda conserva a coleção de banda desenhada francesa *Métal Hurlant*, uma das suas favoritas na juventude e um dos seus primeiros objetos de coleção



Alguns dos artistas favoritos do nefrologista são Eduardo Batarda, Bruce Nauman, Lúcio Fontana e Damien Hirst, autor da obra *The Magnificent Seven*, que foi criada para uma exposição na Gagosian Gallery, em Nova Iorque, e hoje integra a coleção de José Diogo Barata

Somando 42 anos de carreira, José Diogo Barata sente-se “um homem realizado”, não guardando qualquer saudade ou mágoa do passado. Agora que se encontra aposentado da função pública, exercendo apenas atividade privada no Hospital da Luz Lisboa uma vez por semana (desde 2006), o especialista aproveita o tempo livre para fazer coisas que antes não conseguia e que tanto gosto lhe dão, como ler, catalogar os objetos das diversas coleções que possui ou passar mais tempo na sua casa do Alentejo.

ARTE PARA ALÉM DA MEDICINA

José Diogo Barata foi sempre um colecionador. Na adolescência, a sua grande paixão era a banda desenhada; com o passar dos anos, foi adquirindo outros gostos, como os livros e os DVD; atualmente, aquilo que mais o entusiasma é a arte contemporânea. “Gosto especialmente de pintura e escultura; a fotografia é uma ‘aquisição’ mais recente. 70% das peças que tenho estão expostas para que eu possa apreciá-las, inclusive na cozinha e na casa de banho”, explica. A sua vasta coleção é composta por diversas obras, escolhidas criteriosamente – a maioria de baixo valor e pequena dimensão –, mas que lhe despertam vários sentimentos, podendo até interferir no seu humor. “É essa a beleza da arte!”, exclama.

O nefrologista aponta a sua mãe como principal responsável por este gosto especial pela arte. Durante a infância e a adolescência, teve contacto direto com vários artistas e amantes da cultura, amigos da sua mãe; inclusive, artistas como Malangatana e João Vieira frequentavam a sua casa. A paixão pela arte também perpassa uma das suas maiores amizades: a que tem com o escultor Francisco Simões, que remonta à juventude. //